

Narrativas cosmopolitas: a escritora contemporânea na aldeia global

Sandra Regina Goulart Almeida

I. Narrativas cosmopolitas

As novas contingências sociais, culturais e geopolíticas nos levam a rever parâmetros que até então serviram de base para a análise literária de obras contemporâneas, sobretudo, neste caso, de autoria feminina, e a pensar novas formas de investigação e instrumentos teóricos que abarquem a complexidade do momento histórico em que vivemos. Como nos lembra Heloisa Buarque de Hollanda, “pensar gênero nesse novo contexto é ainda um horizonte enigmático porque passa necessariamente pelos problemas que o multiculturalismo e a globalização acabam de nos colocar e que, de certa forma nos fazem renegociar as certezas & prioridades das agendas teóricas feministas”¹.

O advento do multiculturalismo e a presença cada vez mais marcante dos efeitos da globalização na obra de escritoras contemporâneas fazem com que não apenas indaguemos, como sugere acertadamente Heloisa Buarque de Hollanda, “que lugar têm as culturas e demandas feministas locais frente à mágica da globalização?”², mas que também analisemos como esses fenômenos da contemporaneidade são vislumbrados por essas escritoras e como surgem problematizados de formas variadas em suas obras. Observa-se hoje um número crescente de obras de autoria feminina que enfocam personagens, sobretudo femininas, que habitam territórios liminares, espaços de movência, deslocamentos e desenraizamentos. Várias escritoras contemporâneas, antes voltadas para narrativas que tratavam prioritariamente de uma narrativa intimista com forte teor autobiográfico, têm abordado questões mais abrangentes, mas não menos problemáticas, com relação à presença da mulher nesse novo contexto sócio-cultural.

Nesse contexto, ganha destaque a questão das identidades de gênero que se tornam, em um mundo global e cosmopolita, um processo em fluxo, um

¹ Hollanda, *Os estudos de gênero e a mágica da globalização*, p. 13.

² Id., *ibid.*

pertencimento temporário, em vez de algo predeterminado, estável e preciso. As identidades móveis afetam e são afetadas pelos movimentos transnacionais e, por sua vez, modificam os sujeitos que se movem através de fronteiras, bem como aqueles que se encontram enraizados. Torna-se possível, então, falar não apenas de uma identidade nacional ou subjetividade individual, mas sim de identidades híbridas e afiliações múltiplas que definam os sujeitos, sobretudo femininos, em um movimento constante, em um processo contínuo de estar no mundo. Esses sujeitos são detentores de uma cidadania transitória, refletindo um posicionamento que os situa em relação a um contexto espacial específico, local, mas ao mesmo tempo movente e transnacional. Assim, a experiência da mobilidade cultural torna-se não apenas uma condição histórica, mas, sobretudo, uma realidade intelectual, como observa a crítica Rey Chow, a realidade de ser um intelectual da contemporaneidade³. No caso das escrituras migrantes de autoria feminina, a mobilidade cultural muitas vezes não é somente parte do mundo ficcional descrito pelas autoras, mas também do papel ativo que assumem como intelectuais contemporâneas, muitas vezes como intelectuais de uma nova diáspora.

Gayatri Spivak, crítica feminista e pós-colonial de origem indiana, problematiza a teorização acerca da posição da mulher no momento atual, argumentando que se o sujeito colonial era marcadamente um sujeito de classe e se o sujeito do pós-colonialismo é um sujeito racializado, então o sujeito da globalização é necessariamente gendrado⁴. Se antes o foco estava nas questões de classe e raça, na contemporaneidade a mulher se torna o objeto de interesse de sociedades civis internacionais e, conseqüentemente, é incorporada como uma parte integrante do projeto global para o estabelecimento de uma nova ordem social e econômica⁵.

Desta forma, a nova diáspora da contemporaneidade apresenta como elemento diferenciador o papel das mulheres, que confere novas significações aos contatos culturais híbridos, embora as mulheres nessas condições estejam longe de formar um todo coeso e unificado. Ao contrário, há uma série de questões de ordem política, social e cultural que nos permite analisar a forma como experiências análogas são vivenciadas de formas diferenciadas e como as noções de desterritorialização e pertencimento adquirem sentidos outros

³ Chow, *Writing Diaspora*, p. 15.

⁴ Spivak, "Claiming Transformations", p. 123.

⁵ Id., *ibid.*

em contextos variados para as muitas mulheres dessa nova diáspora, em um contundente diálogo com questões de raça, etnia e classe.

É nesse contexto relativo a movimentos globais, ao cosmopolitismo da atualidade e à nova diáspora que podemos analisar as obras de escritoras e intelectuais contemporâneas que abordam a questão, ou seja, perguntando-nos de que forma esses novos conceitos da contemporaneidade são apresentados e descritos nos textos narrativos e discursivos dessas escritoras e como contribuem para fomentar o que Bruce Robbins denomina de um “domínio de políticas contestatórias” que dá forma a seus discursos⁶. Pode-se verificar, por meio da obra de várias escritoras contemporâneas, como as configurações da contemporaneidade têm destacado um lócus de enunciação nitidamente feminino e como o questionamento dos papéis de gênero nesse espaço global, híbrido e multicultural, tem perpassado a literatura de autoria feminina contemporânea. Com frequência, essas escritoras delineiam narrativas que expõem as contradições e ambigüidades do mundo global e que questionam noções preestabelecidas de identidades subjetivas e nacionais. Ao problematizar, por meio de uma narrativa desestabilizadora, as políticas identitárias que permeiam as visões do mundo contemporâneo, essas escritoras privilegiam uma escritura que se insere nas narrativas da globalização e do cosmopolitismo e que é inevitavelmente perpassada pelas perspectivas de gênero, contribuindo assim para interrogar de forma incisiva as práticas discursivas da contemporaneidade. Como nos lembra Mônica Ali, escritora contemporânea, nascida em Bangladesh e radicada na Inglaterra: “Não sinto necessidade de filiações. Para mim, o lar não é nenhum lugar em especial”⁷. Nesse sentido, para Ali e várias outras escritoras contemporâneas da nova diáspora, não basta simplesmente destacar, em suas obras, o espaço geopolítico no qual habitam. Suas narrativas privilegiam filiações múltiplas, móveis e deslizantes. São vários os possíveis lares a serem habitados na contemporaneidade.

Fica evidente, por meio dessas análises, como o papel das mulheres nesse novo contexto sociocultural torna-se um elemento diferenciador. Surge daí a relevante argumentação acerca da feminização da globalização no mundo contemporâneo. Para vários críticos, a novidade da globalização deve ser necessária e inevitavelmente articulada com as questões de gênero em

⁶ Robbins, “Introduction”, p. 12.

⁷ Craig, “Mônica Ali”, p. 3.

função da feminização, hoje observada, dos meios de produção econômica e cultural⁸.

Ella Shohat observa que, com o evento traumático do dia 11 de setembro de 2001, a crítica feminista multiculturalista e transnacionalista produzida na década passada adquiriu maior relevância e “urgência renovada”⁹. Shohat salienta a importância de um entendimento relacional do feminismo, visto que “inter-relacionar mapas críticos de conhecimento é fundamental em uma era transnacional, tipificada pela *viagem* global de imagens, sons, produtos e populações”¹⁰. A autora acrescenta que um projeto “feminista relacional e multicultural deve refletir esse momento, *parcialmente*, novo que exige um repensar sobre designações de identidade, grades intelectuais e fronteiras interdisciplinares”¹¹. Nesse sentido, a autora privilegia a análise multi-perspectivista do feminismo além-fronteiras em detrimento de estudos que favoreçam uma “categorização clara e nítida de espaços alocados em cada região específica”¹². Porém, como afirma Heloisa Buarque de Hollanda, pensar a diferença hoje é “enfrentar um tempo no qual emergem, sem aviso prévio, novos e ferozes racismos, xenofobias radicais, intolerâncias violentas”¹³. Nesse contexto, Hollanda pergunta: “como lidar com o próprio desgaste de uma política da diferença?”¹⁴. Segundo Shohat, não se trata de pensar a diferença, sob uma perspectiva de gênero, por meio de noções essencialistas sobre diferenças culturais, mas sim de proporcionar “encontros dialógicos das diferenças” nos quais posicionamentos diferentes possam ser contrastados¹⁵.

O caráter gendrado da globalização, conforme aponta Spivak, traz conseqüências significantes para as relações de gênero, pois a constituição da mulher como um sujeito da globalização faz com que se insira como uma parte constitutiva do projeto globalizante ao se tornar alvo e mercadoria dessa nova ordem¹⁶. Por outro lado, Spivak delineia um novo sentido para o conceito de globalização ao contrastá-lo ao termo cunhado por ela – “plane-

⁸ Marx, *The Feminization of Globalization*, pp. 1-4.

⁹ Shohat, “Estudos de área, estudos de gênero e as cartografias do conhecimento”, p. 19.

¹⁰ Id., p. 20.

¹¹ Id., *ibid.*

¹² Id., *ibid.*

¹³ Hollanda, “Os estudos de gênero e a mágica da globalização”, p. 13.

¹⁴ Id., *ibid.*

¹⁵ Shohat, *op. cit.*, p. 26.

¹⁶ Spivak, “Claiming Transformations”, pp. 123-6.

tariedade”, enfatizando a alteridade e a humanidade do planeta em oposição à construção e artificialidade do globo¹⁷. Esse novo termo é relevante, pois permite uma visão renovada da atual globalização, vocábulo que se encontra já desgastado pelo uso freqüente e aleatório. Outro conceito chave neste contexto é o de letramento ou alfabetização transnacional (*transnational literacy*), conceito elaborado por Spivak para contrapor-se aos movimentos globais da atualidade por meio de um aprendizado crítico de leitura dos discursos da contemporaneidade, delineando propostas inovadoras que resistam a iniciativas globalizantes. Nos estudos sobre crítica literária e feminismos transnacionais, tal conceito parece instrumental no sentido de que uma das formas mais produtivas de se propiciar essa leitura crítica dos discursos da atualidade é por meio de textos literários e falas dos intelectuais que contestam e problematizam o atual cenário global.

II. Uma escritora contemporânea na aldeia global

Nesse sentido, esse texto discute como as questões de gênero da atualidade podem ser pensadas nos termos teóricos aqui arrolados, a partir do nosso contexto latino-americano e, principalmente, brasileiro, tomando-se por base nossa produção literária contemporânea.

Lucia Helena Vianna chama a atenção para a “dificuldade no trato com a prática narrativa de autoria feminina no Brasil” pela complexidade de se estabelecer o que ela chama de uma “poética feminista”, que deve ser entendida como “toda discursividade produzida pelo sujeito feminino que, assumidamente ou não, contribua para o desenvolvimento e a manifestação da consciência feminista, consciência esta que é sem dúvida de natureza política”. E Vianna acrescenta: “poética feminista é poética empenhada, é discurso interessado. É política”¹⁸. É, principalmente, uma poética da memória, que, para Vianna, é característica de grande parte da produção narrativa de autora feminina no Brasil. Diria que, na verdade, esta tem sido a tônica da grande parte de obras de autoria feminina da atualidade, sobretudo do que chamamos de escrita da diáspora contemporânea. A memória tem um papel fulcral como repositório de acervos pessoais, privados e públicos.

Nesta segunda parte, gostaria de discutir visões de uma escritora contemporânea na “aldeia global”, para usar uma expressão do teórico canadense

¹⁷ Spivak, *Death of a Discipline*, p. 72.

¹⁸ Vianna, “Poética feminista – poética da memória”, p. 1.

McLuhan, que cunhou o termo, na década de 1980, ao se referir ao imenso trânsito midiático previsto para o século XXI. McLuhan, porém, não enfatiza o caráter ambíguo e conflitante das relações sociais e culturais advindos dos contatos nesta aldeia global, ou seja, “as zonas de conflito” provenientes dos contatos culturais, sobre as quais Mary Louise Pratt teoriza.

O conto “Muslim: woman”, da escritora pernambucana Marilene Felinto, explora o encontro de duas mulheres nesta aldeia global, que é simbolicamente localizada em um aeroporto africano, “por onde transitava apressada ou vagarosa gente estrangeira de variada espécie, árabe, moura, branca e negra em grande parte” (MW¹⁹, p. 230): esse é um espaço tipicamente característico do cosmopolitismo contemporâneo, no qual um número cada vez maior de pessoas de diferentes nacionalidades se cruzam, se encontram e se desencontram. Para Viana, esse conto localiza ainda os princípios do que denomina uma poética feminista “pela ficcionalização exemplar dos impasses contemporâneos nas relações de gênero” (MW, id.).

O conto inicia com o que parece ser mais uma estória intimista e privada de desencontros amorosos na qual a narradora, em primeira pessoa, afirma que “estava fazendo bolinho da minha vida, vida da qual eu lhe dedicara quase que com exclusividade vários anos seguidos” (MW, p. 229). Reclama que o marido é incapaz de vê-la ou compreendê-la, ao seu lado não passava de um “fantasma” e se surpreende perguntando como “tinha se casado justamente com ele” (MW, p. 230). Mas argumenta: “quem quisesse que me visse, se quisesse me ver” (MW, p. 229). A metáfora da visão/cegueira permeia todo o texto, desde as desavenças do casal até a cena final de des/encontro(s), que discutirei a seguir.

O conflito íntimo e privado com o marido se sobrepõe ao espaço público, no qual são obrigados a encenar o drama familiar. O pomo da desavença havia sido a compra de malas de rodinhas – opção do marido sem lhe ouvir, é claro –, que causavam uma zoadada pelo piso do aeroporto, expondo-a nesse espaço público cosmopolita: “naquele aeroporto e por causa da mala, eu fora atingida por ele na minha reserva, na minha necessidade de discrição e defesa” (MW, p. 231). Justo ela, a narradora, que, em suas palavras, “desde menina encolhia-se muito quando da coisa pública”, criando abrigo, guaritas e trincheiras para se proteger, escondendo-se “estrategicamente dentro de

¹⁹ As referências ao conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto, serão feitas pela sigla MW, seguida do número de página.

pneus velhos, fechados de todos os lados, com uma única abertura para os olhos e nariz” (MW, id.)²⁰. O conflito entre o público e o privado, tão comum nas narrativas de autoria feminina – mulheres essas que são “sempre estrangeiras no mundo público”²¹ – se metaforiza por meio da incapacidade de o marido vê-la, em oposição à sua marcada presença no aeroporto. A narradora se sente desconfortável nesse espaço cosmopolita por chamar atenção por sua saia curta, pelas ondas largas dos cabelos, pela pele avermelhada, ao mesmo tempo em que, para o marido, ela é nada mais do que um fantasma.

O início da reconciliação com o marido é marcado pela percepção da presença de uma outra mulher: “foi através da água ondulante dessa lágrima que vi a mulher muçulmana sentada à minha frente” (MW, p. 230). Como observa Lucia Helena Vianna, “a lágrima que escapa dos olhos da protagonista funciona como espelho, iguala as duas em toda a sua diferença”²². É como se “o olho dela estivesse dentro do meu”, como se as duas fossem uma só (um duplo) na diferença que as separa, na “contrapartida” do que cada uma era – a narradora se sentindo livre, liberada, mas em contrapartida nua, exposta em sua privacidade diante da outra. Assim como a narradora que quando criança se escondia na trincheira imaginária, protegida ao deixar à vista apenas os olhos e o nariz, a mulher muçulmana está “toda coberta de preto, de cima a baixo, a mulher que de visível só tinha os olhos, ainda que por trás de uma leve gaza de véu preto” (MW, p. 235). A narradora afirma sobre aquela na qual se vê espelhada pela memória de infância: “Invejei por um momento aquela indumentária de viúva negra, eu lá no meu luto desabrigado, exposto num salão de aeroporto” (MW, p. 236).

O diálogo que se segue entre as duas é silencioso, formado de olhares e de palavras imaginadas pela narradora, um “diálogo em código secreto, mudo e desconexo” (MW, id.), que culmina na troca pelo inglês, que lembrava a narradora o quanto era “um grandíssimo nada nos aeroportos do vasto mundo” onde sua “língua nativa nada era” (MW, p. 237). As únicas palavras ditas pela mulher muçulmana “yes, madam” faz delas, na percepção da narradora, cúmplices, unidas pela gentileza e respeito no tratamento estrangeiro. A narradora conclui que está “feliz como que tivéssemos uma identidade, aquele código secreto em língua estrangeira, duas mulheres tão

²⁰ Grifo meu.

²¹ Vianna, *op. cit.*, p. 1.

²² Id., *ibid.*

diferentes que éramos” (MW, p.237). Essa intimidade e solidariedade (o que Vianna chama de “sororidade e cumplicidade entre mulheres”²³) culmina com a dádiva final com o qual a mulher muçulmana presenteia a narradora: ao desvelar o rosto escondido pelo véu e ao dar-lhe “o mais lindo sorriso de mulher” que já lhe ofereceram (MW, p. 238).

A narrativa de Felinto nos oferece a possibilidade de vislumbrar as inerentes contradições e ambigüidades do mundo globalizado e cosmopolita em que vivemos, em termos de gênero, questionando noções preestabelecidas de identidades subjetivas e nacionais. A maneira como a autora delinea suas personagens, criando um contradiscurso mediador, por meio da voz crítica e perceptiva da narradora, contribui para uma melhor compreensão dos vários níveis de diferenças de gênero e entre gêneros na sociedade contemporânea. Como uma intelectual contemporânea, Felinto é capaz de produzir uma narrativa pujante de “encontros dialógicos nas diferenças”²⁴, que acaba por interferir no espaço público por meio de uma ética que é peculiar ao intelectual que anseia dizer o indizível, sabendo, entretanto, que não se pode universalizar a experiência da mulher e nem tampouco falar por ela ou por qualquer outro ou outra, como afirma Spivak. A narrativa de Felinto – diferente de grande parte das narrativas cosmopolitas que tratam da mulher no espaço global – privilegia o entendimento, a cumplicidade e a solidariedade entre as mulheres, mesmo em contextos tão diferentes e díspares. Como o título do conto indica, a outra, o duplo, é diferente por ser muçulmana (*muslim*), mas é, como a própria narradora, acima de tudo uma mulher (*woman*). Ambas são ainda capazes de se encontrarem – na língua inglesa e na identidade de gênero – apesar, e mesmo diante, da diferença que as separa. Nesse sentido, ao problematizar, por meio de uma narrativa desestabilizadora, as políticas identitárias que permeiam as visões do mundo contemporâneo, Felinto, assim como outras escritoras contemporâneas, privilegia uma escritura da atualidade em termos dos movimentos transnacionais que é inevitavelmente perpassada pela perspectiva de gênero, contribuindo assim para interrogar, de forma incisiva, várias práticas discursivas da contemporaneidade. Essa e outras narrativas da diáspora de autoria feminina revelam a possibilidade de se refletir sobre e problematizar, por meio da literatura, o papel das mu-

²³ Id. *ibid.*

²⁴ Shohat, *op. cit.*, p. 26.

Iheres no atual cenário social e geopolítico e a conseqüente feminização da globalização e da diáspora contemporânea.

Referências bibliográficas

- CHOW, Rey. *Writing Diaspora: Tactics of Intervention in Contemporary Cultural Studies*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- COSTA, Claudia de Lima. “Feminismo, tradução, transnacionalismo”, em _____ e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. pp. 187-96.
- CRAIG, Amanda. “Monica Ali”. *The Sunday Times*. dez. 2003. Disponível em: <http://www.amandacraig.com/pages/journalism/interviews/monica_ali.htm>. Acesso em: maio de 2008.
- FELINTO, Marilene. “Muslim: woman”, em VIANNA, Lúcia Helena e GUIDIN, Márcia Lígia. *Contos de escritoras brasileiras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 229-38.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. “Os estudos de gênero e a mágica da globalização”, em MOREIRA, Nadilza Martins de Barros e SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: UFPB, 2005. pp. 13-20.
- MARX, John. The Feminization of Globalization. *Cultural Critique*, n^o. 63. Spring 2006, pp. 1-32.
- MCLUHAN, Marshall. *The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century*. New York: Oxford University Press, 1989.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992.
- ROBBINS, Bruce. “Introduction Part I: Actually Existing Cosmopolitanism”, em CHEAH, Pheng e ROBBINS, Bruce (ed.). *Cosmopolitics: Thinking and Feeling beyond the Nation*. Minneapolis: Minnesota UP, 1998. pp. 1-19.
- SHOHAT, Ella. “Estudos de área, estudos de gênero e as cartografias do conhecimento”, em COSTA, Cláudia de Lima e SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. pp. 19-29.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Claiming Transformation: Travel Notes with Pictures”, em AHMED, Sara et al. *Transformations: Thinking through Feminism*. London and New York: Routledge, 2000. pp. 119-30.
- _____. *Death of a Discipline*. New York: Columbia UP, 2003.

- _____. “Diaspora Old and New: Women in Transnational World”. *Textual Practice*, v. 10, n.º. 2. 1996, pp. 245-69.
- _____. “Can the Subaltern Speak?”, em NELSON, Cary e GROSSBERG, Lawrence (ed.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. London: Macmillan, 1988. pp. 271-313.
- _____. “Foreword: Upon Reading the *Companion to Postcolonial Studies*”, em SCHWARZ, Henry e RAY, Sangeeta. *A Companion to Postcolonial Studies*. Oxford: Blackwell, 2000. pp. xv-xxii.
- VIANNA, Lúcia Helena. “Poética feminista – poética da memória”. *Labrys: estudos feministas*, n.º. 4. Brasília, ago.-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/lucia1.htm>>. Acesso em: maio de 2008.

Recebido em agosto de 2008.

Aprovado para publicação em setembro de 2008.